

## A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista

Elisa Figueira de Souza Corrêa<sup>1</sup>

**A** figura de Hermann Paul, embora não tenha sido esquecida, é muitas vezes diminuída ou vista como a de “mais um neogramático” atualmente. Visando reparar essa visão, este artigo procura analisar a postura teórica e alguns conceitos inovadores propostos por Paul, os quais foram cruciais para o desenvolvimento da Linguística no século XX. Em especial, comparam-se as posturas dele com as de gerativistas e sociolinguistas variacionistas no tocante à aquisição de L1, velocidade e propagação de mudança, analogia e mutação fonética e semântica, e previsibilidade das mudanças.

### 1. Os neogramáticos

No século XIX, os estudiosos da linguagem se concentravam principalmente nas investigações comparativas entre as gramáticas de diversas línguas, em especial das pertencentes ao tronco indo-europeu. Todos sonhavam em reconstituir a “língua original”, da qual teriam vindo todas as outras.

Pelo fim desse século, contudo, um grupo de pesquisadores surge com uma proposta um pouco diferente: focar-se não nas línguas do passado, mas nas do presente, não na escrita, mas na língua falada. Esses pesquisadores, em sua maioria alemães, ficaram conhecidos como *neogramáticos*. Engrossavam suas fileiras figuras como Brugman, Osthoff e Hermann Paul, cujas obras são referência ainda hoje.

---

<sup>1</sup> Doutoranda PUC-Rio

Osthoff e Brugman (apud Lagares, 2008), precursores do movimento, afirmavam que

anteriormente, a reconstrução da língua ancestral indo-europeia foi sempre a finalidade principal e o foco de toda a linguística comparativa. A consequência foi que todas as pesquisas estavam direcionadas constantemente a esta língua original [...]. Os desenvolvimentos linguísticos mais recentes eram considerados como estágios de decadência, de declínio, e com certo desdém eram, na medida do possível, desconsiderados.

Apesar de não desprezarem o trabalho de seus antecessores, os neogramáticos acreditavam que muito mais interessante que a reconstrução de uma suposta protolíngua seria a observação dos fenômenos que levaram à sua transformação, i.e., as infindáveis e consecutivas *mudanças* sofridas pelas línguas ao longo do tempo – e, ao invés de se trabalhar apenas com formas hipotéticas (por mais confiáveis que fossem), tanto melhor seria observar esses fenômenos *in vivo* nas línguas e dialetos à mão.

Dessa forma, e aproveitando-se de tudo quanto já fora descoberto, os neogramáticos concentram seus trabalhos na sincronia (caminho que também seria seguido por Saussure, no século XX) e na mudança linguística. É claro que, em parte, essa escolha pela mudança estava também relacionada com a visão que se tinha de “fazer ciência” na época, uma vez que, apesar de os comparatistas já serem fortemente influenciados pela Biologia, a universalidade da aplicação das leis físicas só então foi proposta para as línguas. Em outras palavras, os neogramáticos postularam que as leis fonéticas, conhecidas já desde Grimm, eram absolutas e que quaisquer aparentes exceções eram, na verdade, casos que seriam, algum dia, explicados e re-encaixados em alguma lei – ou, em último caso, explicados através de uma mudança por analogia.

## 2. As ideias de Hermann Paul

Dentre esses pesquisadores, Hermann Paul foi um dos que mais influenciou o pensamento linguístico pelos anos a fora. Seu trabalho procurava explicar como se dava, exatamente, a mudança no indivíduo, em especial, mas também na sociedade em geral, pelo que foi de grande importância para a identificação das regularidades da mudança linguística. Paul chama atenção inclusive para os fatores psíquicos dos falantes que influenciariam na língua, pois essa não era realmente um *organismo vivo*,

acima dos indivíduos, mas sim um *organismo psíquico*, produto conjunto das alterações individuais e das forças centrípetas sociais.

Na verdade, essa crença já estava presente no “manifesto”, de 1878, de Osthoff e Brugman (1967, p. 204), no qual se lê: “language is not a thing which leads a life of its own outside and above human beings, [...] it has its true existence only in the individual”; mas Paul irá se aplicar mais que seus pares para descrever esses fatos, inclusive seu caráter psíquico.

Para melhor compreender como se dá o fenômeno da mudança fonética, ou, como chama, *alteração fonética*, Paul se propõe a analisar as partes que compõem o ato da fala, dividindo-o em três momentos: (a) os *movimentos dos órgãos* fonadores, (b) o *sentido mecânico* e (c) as *sensações sonoras*, com sua contraparte, as *imagens da memória* (Paul, 1983, p. 59). De suma importância para a compreensão das alterações fonéticas são as *imagens* que cada som enunciado deixa na memória do próprio falante e, obviamente, também do ouvinte, pois é a partir delas (e aqui Paul chama atenção para o *fator psíquico* das sensações provocadas pelo estímulo no ouvinte/falante) que o indivíduo tentará reproduzir novamente aquele som. Para essa reprodução, entretanto, não pode contar com mais do que o que *sentiu* ao produzir ou ouvir dado som, e é aí que nascem as pequenas discrepâncias que poderão, um dia, provocar uma alteração fonética na língua.

Sobre a novidade do conceito de imagem da memória e seu valor psicológico, Lagares (2008) comenta:

a introdução da noção de *imagem da memória*, como correspondente nunca totalmente exato da *sensação sonora*, também faz referência ao processo psíquico de percepção e compreensão sonora e permite explicar a mudança como produto de uma soma de pequenas modificações, acontecidas nesse espaço intermediário entre o físico e o psicológico, onde as equivalências nunca são exatas, que podem acabar produzindo diferenças notáveis. (Grifos do autor).

Para Paul, parte do problema da mudança reside no fato de as palavras serem uma série sonora indivisível e de sua produção ser feita de forma inconsciente pelos falantes. Isto é, sendo sua produção e percepção um ato mecânico para os indivíduos, uma pequena alteração dificilmente seria levada em consideração – especialmente quando o indivíduo já possui uma imagem sonora prévia daquela palavra. Nesses casos, a nova sensação sonora se juntará à imagem anterior, formando uma espécie de “média” ou, mais ainda, se sobreporá às anteriores (Paul, 1983, p. 62-64).

Essa constatação não significaria, contudo, que os falantes não possuiriam um controle sobre sua fala. Pelo contrário, esse controle não apenas existe como funciona rechaçando produções que se afastem demais do padrão, isto é, da imagem da memória; mas, como “a possibilidade de gradação nos movimentos dos órgãos fonadores e naturalmente nos sons por eles produzidos é de facto ilimitada” (Paul, 1983, p. 63), se tornam compreensíveis a existência dessas alterações e a tolerância dos indivíduos. Na verdade, sentimos como “essencialmente idênticos” grupos de sons de fato diferentes – sendo esta uma das dificuldades para os que aprendem novas línguas e uma das vantagens ao nos comunicarmos com falantes de dialetos próximos.

*Esta variabilidade da pronúncia, que não se nota por causa dos estreitos limites em que se move, contém a chave para a compreensão do facto, de resto incompreensível, de que se realiza gradualmente uma modificação do uso no que respeita ao aspecto fonético da língua, sem que aqueles em quem se realiza esta modificação façam dela a mínima ideia. (Paul, 1983, p. 64, grifos do autor).*

Com essas postulações, Hermann Paul abria, então, caminho para as propostas gerativistas de tantos anos depois, uma vez que também Chomsky, Lightfoot e outros, incorporando a mudança como parte dos estudos linguísticos, pensam que a única forma de compreendê-la e estudá-la seria do ponto de vista do indivíduo.

### **3. O legado de Paul na linguística gerativa**

A posição dos gerativistas se explica por estes defenderem que não apenas a língua não poderia ser cientificamente abordada se encarada enquanto entidade social, coletiva – pois, a partir desse ponto de vista, ela não é homogênea –, como também porque seria mais proveitoso estudar diretamente o “sistema de conhecimento” que sustenta a capacidade humana da linguagem.

Como se sabe, segundo os postulados chomskianos, a linguagem é específica aos seres humanos e, sendo assim, todo indivíduo já nasce com um conjunto de princípios linguísticos definidos e parâmetros a definir. Dessa forma, pesquisar quais são esses valores inatos e como funcionam é descobrir como podemos aprender a falar. E, dentro disso, pesquisar como a mudança linguística invariavelmente acontece é perceber ou alguma outra característica intrínseca ao mecanismo mental

humano, ou o modo como essa mudança ocorre não no conjunto da sociedade, mas internamente a cada um.

De fato, é patente que existem realmente diferenças no uso feito por cada falante de uma mesma língua – donde se criou o conceito de *idioleto*. Mas, se, para Paul, esse fato era um indicativo de dialetos diversos e da dificuldade de re-produção idêntica da imagem/sensação ou até indício de uma mudança em andamento, para os gerativistas, isso será prova da inexistência de uma “língua externa” propriamente dita, isto é, o que existe na verdade são diversas línguas individuais (línguas internas) formando áreas de interseção umas com as outras, as quais constituiriam os pontos de comunicação possível num conjunto altamente heterogêneo.

Aqui se torna interessante fazer uma observação, porque, embora reconhecesse as diferenças na fala entre indivíduos, Hermann Paul também (como todos os neogramáticos) defendia a infalibilidade das leis fonéticas. Ora, conforme Lagares (2008):

na realidade, a regularidade absoluta da mudança só pode ser pensada concebendo as línguas e dialetos como entidades homogêneas, desconsiderando, portanto, a heterogeneidade das línguas em sociedade, eliminando a variação, pois a introdução de variáveis sociais na análise põe em relevo as descontinuidades e a irregularidade na difusão da mudança.

Apregoar “heterogeneidade no uso, mas homogeneidade no conjunto” poderia ser visto como uma contradição no pensamento do linguista alemão, porém esse é, talvez, um indício do fato, como percebido também por Chomsky<sup>2</sup>, de que as idealizações são indispensáveis para o trabalho investigativo, de modo que Paul precisava tratar como homogêneas as línguas, ainda que as soubesse diferentes em verdade:

É claro que se subentende que comunidades linguísticas, no sentido de Bloomfield – isto é, como conjuntos de indivíduos com o mesmo comportamento linguístico –, não existem no mundo real. [Mas] também nós fazemos tal abstracção, tendo apenas em consideração o caso de uma pessoa confrontada com experiência uniforme numa comunidade linguística bloomfieldiana idealizada em que não há diversidade dialectal

---

<sup>2</sup> Mais adiante, contudo, veremos opiniões diferentes para essa questão.

nem variação entre os falantes. [...] A legitimidade destas idealizações tem sido por vezes questionadas, mas com bases duvidosas. Na verdade, elas parecem ser indispensáveis. (Chomsky, 1994, p. 36-37).

### 3.1 A aquisição de língua materna e as teorias de mudança: enfoques diferenciados

Para, então, se focarem nesse estudo individual da mudança nas línguas, tanto Hermann Paul quanto os gerativistas concentram sua atenção no momento da aquisição. A interpretação dada a este momento, contudo, diferirá um pouco. Paul vê na primeira infância a mais clara evidência de sua hipótese sobre a *sensação sonora* e a *imagem da memória* de cada palavra, já que aquele momento

é para cada um de nós uma fase de experimentação, na qual gradualmente aprendemos, através de variados esforços, a reproduzir o que se diz à nossa volta. E quando esta fase atinge a máxima perfeição possível, então inicia-se um período de relativa paralisação (sic). [...] Começa a existir uma grande regularidade na pronúncia, caso não surjam perturbações causadas por forte influência dum dialecto estranho ou duma língua escrita (Paul, 1983, p. 63).<sup>3</sup>

Mas o que para este autor é uma “relativa paralisação”, para Lightfoot e outros gerativistas será uma parada total. Segundo esses teóricos a gramática internalizada na primeira infância será a única e verdadeira língua-interna do indivíduo, não admitindo alterações posteriores.

De fato, para os gerativistas o momento da aquisição da linguagem é o momento de ocorrerem as mudanças em uma “língua social” (isto é, de uma língua não individual, mas observada ao longe, de um modo genérico), pois, uma vez internalizada uma gramática, ela permanecerá a mesma para sempre.

As alterações observáveis no discurso de uma mesma pessoa ao longo de sua vida são, então, atribuídas pelos gerativistas às mudanças de

---

<sup>3</sup> Ainda que este não seja o foco do trabalho, vale notar que, por esse trecho, se vê a crença de Paul num processo de aprendizado por repetição (aparentemente bem à moda comportamentalista) por parte das crianças. Os gerativistas estão entre os maiores contestadores dessa teoria, justificando a rapidez e eficiência da aquisição de língua materna pelo mecanismo dos *princípios* e *parâmetros* preexistente na mente humana.

estilo, variedades diafásicas, que um indivíduo incorpora no seu repertório para melhor se adequar ao ambiente. À medida que cresce ouvindo esses diferentes usos – e não só os usos da gramática internalizada de seus familiares – uma criança virá a incorporar, diferentemente dos adultos à sua volta, essas opções de estilo como sua própria língua-interna. E quanto mais crianças sofrerem esse mesmo processo (i.e. internalização do que antes era estilo), mais caminhará aquela língua como um todo na direção de uma mudança paramétrica. Naturalmente, além de simples inovações estilísticas, as crianças também estão expostas a outras construções inovadoras, geradas por motivos adversos, como migrações populacionais.

### 3.2 Velocidade e propagação da mudança

A partir disso percebe-se que Paul e Lightfoot têm diferentes posições quanto a um ponto importante no tocante à natureza da mudança, a saber, se esta ocorre lenta ou rapidamente. Como já visto, o neogramático admitia não apenas a possibilidade de alguém modificar sua fala ao longo de sua vida, mas até a probabilidade disso ocorrer dada a inconsciência do ato da fala. Mais ainda, Hermann Paul ressalta conjuntamente, como fatores de mudança, tanto a facilidade de pronúncia dos sons pelos órgãos fonadores (também chamada Lei do Menor Esforço, extremamente criticada por diversas correntes linguísticas mais tarde), quanto a conformidade das tendências simplificadoras com o “sistema fonético” a que pertenciam, i.e., “a direção em que o som é desviado tem de ser também condicionada pela direção dos outros sons” (Paul, 1983, p. 66) – fatores esses que coloca como secundários à explicação relacionada ao sentido mecânico mas que, de qualquer forma, também agem num largo espaço de tempo sobre dada comunidade. Adiciona a esses dois, ainda, fatores de natureza psicológica, admitindo, contudo, que esses ainda carecem de pesquisa sistemática séria (Paul, 1983, p. 68).

Naturalmente nem toda discrepância na reprodução resultará em mudança. Além desses fatores propiciadores de mudança, haveria concomitantemente a ação da *imagem fonética*, elemento que se forma ao longo da experiência de vida ouvinte do indivíduo e que servirá de freio, corrigindo discrepâncias extremas na fala. Eventualmente, além desses fatores inconscientes, também a própria comunidade linguística pode vir a interferir e rejeitar alterações por motivos vários – assunto este do qual trataremos mais adiante.

Dado tudo isso, fica claro que, para Paul, a alteração implementava-se paulatina e gradualmente nas línguas, pois, mesmo que ele identificasse na transmissão da língua para as crianças “a causa principal da mutação

fonética” (Paul, 1983, p. 70), não havia ali uma modificação radical, e sim um sentido de continuidade com a fala da geração anterior, sendo quaisquer diferenças fonéticas sempre mínimas. Ou, em suas palavras: “uma modificação no sentido mecânico [...] nasce gradualmente, duma soma de modificações tão pequenas que dificilmente as podemos imaginar uma diferença notável” (Paul, 1983, p. 65) e, sendo a mutação no sentido mecânico o principal agente de mudança, também esta será gradual.

O mesmo não se dá na perspectiva de Lightfoot. Como a gramática internalizada de um falante não suporta mudanças, essa só poderá ocorrer “catastroficamente”, i.e., de modo abrupto no momento da aquisição. O fato de uma pessoa, com o tempo, incrementar seu discurso com inovações não é visto normalmente como alteração naquela estrutura adquirida, mas como aprendizagem de *outras gramáticas*, opcionais e paralelas à sua.

Um dos principais argumentos em defesa dessa hipótese é o fato de que, se uma simples divergência de parâmetro entre duas línguas pode provocar diferenças radicais (e.g. os padrões SVO ou SOV de sentenças), também as mudanças devem poder ser radicais. Além disso, a gradação percebida no tempo não seria uma característica da mudança, mas sim de sua *difusão*. A mudança em si não teria propriedades temporais, logo seria catastrófica: “the natural way for linguists to think of this is that different childhood experiences, different sets of primary linguistic data (PLD), sometimes *cross thresholds*, which entails that the *system shifts*, and that a *new grammatical property results*” (Lightfoot, 1999, p. 91, grifos nossos).

A justificativa de Lightfoot para a ilusão de mudança, isto é, a existência de várias gramáticas internalizadas em um mesmo indivíduo, dá conta de algumas contestações teóricas feitas aos gerativistas.

Basicamente, em situações de “variedade paramétrica”, como as percebidas nos registros de inglês arcaico, a hipótese de mudança gradual entraria em choque com a proposição de que, por exemplo, a ordem do discurso SVO ou SOV é uma escolha paramétrica<sup>4</sup> nas línguas (já que, em inglês arcaico, ambas essas ordens são encontradas).

Sendo assim, pela suposição de gramáticas concorrentes, Lightfoot não apenas garante a continuidade desse parâmetro (cada uma das gramáticas internalizadas atendia a um parâmetro diferente), como também reafirma sua teoria de difusão da mudança, a saber: quando há gramáticas concorrentes, há instabilidade; e, onde há instabilidade, há uma mudança em andamento. Em outras palavras, trata-se de um momento

---

<sup>4</sup> Se parâmetros são termos binários para as línguas, não deveria ser possível dizer às vezes *sim* e às vezes *não* para um mesmo dado valor.

de transição entre a predominância de certos valores paramétricos para outros<sup>5</sup>. Graças a essa hipótese também se torna possível entender por que existe uma continuidade comunicativa entre pessoas com gramáticas internalizadas parametricamente diferentes: cada uma possui secundariamente a gramática da outra.

A defesa da mudança catastrófica é, de fato, uma exclusividade gerativista. O próprio Lightfoot explica que isso ocorre por uma questão de ponto de vista: enquanto ele e outros gerativistas olham para a língua interna, a maioria dos outros teóricos, defendendo uma visão coletivista de língua, olha para o todo e, por isso, vê como mudança o que para eles é apenas a sua difusão. Realmente, sociolinguistas variacionistas são categóricos ao afirmar que a mudança linguística envolve sucessivas gerações de uma comunidade e “não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas *durante substanciais períodos de tempo*, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 126, grifos nossos).

Outro ponto de interesse e marcante discordância entre gerativistas e neogramáticos é a maneira como a mudança se propagará. Apesar de Hermann Paul já começar a esboçar uma certa noção de língua como *sistema* (adiantando uma das grandes contribuições de Saussure no século XX) quando defende que ela possui um “sistema fonético harmonioso” e que há um direcionamento nas alterações fonéticas, teóricos percebem em Paul uma aceitação do *acaso* como um fator de mudança, já que esta se firmaria conforme a estabilidade dos usos individuais (Castilho, 2006, p. 227). Isto é, cada indivíduo tem sua tendência oscilatória própria refreada apenas pelo convívio social, e cada tendência da sociedade é reforçada e estabilizada pela sua frequência de uso.

Os gerativistas, por sua vez, defendem não só um direcionamento na mudança linguística como até mesmo que a predição da mudança, dentro de certos limites, é possível. Em conferência no Brasil, Lightfoot (1993) explica que, através do estudo conjunto dos princípios e parâmetros das línguas humanas, do estudo do processo de aquisição da linguagem e do estudo da gramática internalizada dos indivíduos será possível compreender que as mudanças costumam ocorrer em grupos, motivadas por uma mudança paramétrica (como supramencionado) e que esta ocorre quando, na época da aquisição, há uma alteração na qualidade dos dados linguísticos primários disponíveis.

---

<sup>5</sup> Lightfoot (1999, p. 95) também coloca que uma mudança paramétrica sempre acarreta alterações em todos os fenômenos ligados a ela, na superfície da língua.

Qualquer mudança num dado fenômeno é explicada se se mostrar primeiro que o ambiente linguístico mudou de tal forma que uma escolha teórica foi feita de modo diferente. [...] O que não podemos explicar é por que o ambiente linguístico deveria ter mudado inicialmente. As mudanças ambientais são frequentemente motivadas pelo que tenho chamado de fatores do “acaso”, efeitos de empréstimos, mudanças na frequência de formas, inovações estilísticas, que se espalham pela comunidade. (Lightfoot, 1993, p. 290)

De qualquer forma, o autor supõe que, com avanços suficientes nas áreas supramencionadas, seria possível, a partir da percepção na alteração de um parâmetro, deduzir quais mudanças ocorreriam numa certa língua. Ou seja, para ele, há uma interação entre acaso (mudança inicial do ambiente) e necessidade/direcionamento linguístico (“reação” em forma de mudança). O próprio Lightfoot (1999, p. 105-106) chega a identificar seis características perceptíveis nas mudanças paramétricas, mas, ao que tudo indica, a previsibilidade pretendida ainda não pôde ser alcançada.

### 3.3 Mutação fonética, mutação semântica e analogia

Sobre as muta es fonéticas, Hermann Paul ressalta ainda que nem todas teriam a ver com uma transforma o do sentido mecânico, mas que com esta compartilham a característica de não estarem relacionadas   *função* da palavra, isto  , são estritamente mudanças sonoras, como, por exemplo,   o caso de met teses, assimila es, dissimila es.

Inversamente, há, então, toda uma classe de mudanças ligadas justamente   função exercida por cada palavra. A  se encontram a *muta o semântica* e a *analogia*. A principal diferença da muta o semântica para a muta o fonética   que, enquanto nesta última há a substitui o de um som por outro, na semântica o processo de substitui o de uma palavra por outra, se total,   muito lento e, muitas vezes, p ra pelo meio, gerando formas paralelas na língua.

De fato, embora o surgimento da muta o semântica seja como o da fonética, i.e., por um desvio no emprego, Paul acredita que todas as palavras têm uma significa o *usual* (mais geral) e outra *ocasional* (mais específica, compreensível apenas com a ajuda de outros fatores, alguns extralinguísticos, e.g. presença do objeto na cena, conhecimentos prévios etc.). “Em todos os desvios da significa o ocasional em rela o   usual há um começo de muta o semântica”, diz Paul (1983, p. 92-3), mas, como

a linha que separa esses dois usos é tênue<sup>6</sup>, é possível encontrar diversos graus desse processo simultaneamente.

No processo de mutação semântica, contudo, e talvez mais até que no de alteração fonética, a necessidade de uma corroboração social é premente. Como diz o autor, "faz parte da natureza deste processo que ele nasça dum emprego repetido e regular da significação originariamente só ocasional" (Paul, 1983, p. 92).

O mesmo ocorre no caso das analogias: enquanto as formas inéditas serão aceitas com mais facilidade (preenchendo uma carência da língua), uma forma sinônima criada por analogia deverá contar – a fim de que substitua uma outra existente – com o apoio de vários indivíduos de um mesmo círculo, adotando o que, doutra forma, seria senão um erro/engano de construção (Paul, 1983, p. 125).

#### 4. Hermann Paul e a sociolinguística variacionista

Essa crença na importância da interação social como parte fundamental nos processos de mudança linguística é o principal ponto em comum entre o pensamento de Hermann Paul e o dos sociolinguistas variacionistas. Mesmo que Paul concentre sua análise linguística no indivíduo e seu idioleto homogêneo, o neogramático não dissociava nunca do processo de mutação o caráter social da linguagem.

O mesmo farão os sociolinguistas, no estudo da mudança. Para eles, apenas o enfoque coletivo de uma língua faz sentido, pois, sendo a língua um objeto social cujas mutações são instigadas por causas sociais, nenhuma outra abordagem é razoável, i.e., fatores sociais e linguísticos estão intimamente interrelacionados e devem ser estudados e explicados em conjunto. Weinreich *et alli* (2006, p. 114) destacam uma fala de Meillet em que este admitia ser a língua uma instituição social e "disso decorre que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode apelar a fim de explicar a mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas são somente as consequências".

Mais que isso, a heterogeneidade passa a ser um fator *sine qua non* para a ocorrência de mudanças, já que somente num ambiente em que há diferentes opções de uso é possível haver variação de um ponto a outro. A isso chamarão de *sistema ordenadamente heterogêneo*, um sistema no qual a escolha entre alternativas linguísticas acarreta diferentes funções sociais e estilísticas, de forma que esse sistema muda à medida que

---

<sup>6</sup> "Entre esses dois pontos é possível uma gradação variadíssima" (Paul, 1983, p. 92).

acompanha as mudanças na estrutura social (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 99).

Esses autores ressaltam, por isso, o erro de tantos outros linguistas na adoção de modelos simplistas de análise, em que se considera apenas um idioleto individual homogêneo para se estudar a mudança, desconsiderando a interação social, a qual faz com que qualquer inovação seja adotada ou rejeitada, ou com que seja considerada de mais ou menos prestígio por uma comunidade, ou, ainda, seja apenas incorporada ao vasto leque de alternativas estilísticas de cada indivíduo. Ao contrário, os sociolinguistas variacionistas afirmam que para uma investigação frutífera o primeiro passo é abandonar a idealização de língua homogênea e, juntamente com esta, a de idioleto, no sentido redutor que vinha sendo empregado:

*A estrutura linguística em que os traços mutantes se localizam tem de ser ampliada para além do idioleto. O modelo de língua proposto aqui tem (1) estratos discretos, coexistentes [...] funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis para uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por co-variação com elementos linguísticos e extralinguísticos. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 123, grifos nossos).*

A partir da valorização da comunidade circundante no processo de mudança, outro ponto de concórdia surge entre os sociolinguistas e Paul, a saber, a preferência pelo estudo das línguas atuais às do passado. Mas, ainda que os neogramáticos já tivessem notado a equivalência e melhor observação dos fenômenos *in vivo*, esse fato será ainda mais óbvio para os variacionistas, pois, uma vez desligados da obrigação de encontrarem, de fato, uma comunidade linguisticamente homogênea e pura de influências externas, e, sobretudo, admitindo a importância da interação social, o trabalho de campo ganhou um sentido ainda maior para esses pesquisadores.

Imbuídos deste espírito, Labov, Weinreich e Herzog retomam as investigações neogramáticas, abandonadas com pessimismo por outros (como Bloomfield e Hockett)<sup>7</sup>, e realizam amplas pesquisas de campo, as quais permitem comprovar a regularidade das mudanças linguísticas.

Através de sua longa investigação em comunidades estadunidenses,

---

<sup>7</sup> Cf. LABOV, 1983, p. 213-4.

Labov (1983) até mesmo cria um modelo com a proposta de responder algumas das questões clássicas sobre as mudanças, a saber, quais os mecanismos das mudanças, suas causas e funções adaptativas. A solução que encontra demonstra, principalmente, como a atribuição de juízos de valor – dando mais prestígio, ou estigmatizando, ou criando identificação com uma classe etc. – às realizações linguísticas de uma determinada comunidade são determinantes para a consolidação e difusão (ou eliminação) das mutações.

Um dos mecanismos de mudança mais interessantes apontados por Labov é, provavelmente, o que seria identificado como mais caótico, verdadeiro entrave para as hipóteses de trabalho homogeneizadoras<sup>8</sup>: a entrada de subgrupos novos numa comunidade. Esses subgrupos, adotando as formas alteradas como formas velhas, inovam ainda mais sobre elas. A isto Labov chamou *reciclagem*, um dos motivos pelo qual a mudança linguística é contínua e irrefreável.

Nem por isso, contudo, Labov e seus colegas veem a mudança como caótica ou aleatória. Pelo contrário, por suas pesquisas, acreditam que ela só ocorre quando “a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala *toma uma direção* e assume o caráter de uma *diferenciação ordenada*” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 125, grifos nossos). Daí que acreditem também em uma certa capacidade de previsão, por parte da Linguística, do rumo que as mudanças de uma comunidade podem tomar.

Por último, vale dizer que Paul irá reafirmar o papel da aquisição infantil de linguagem na transmissão das mutações semânticas e das analogias (das quais, aliás, as crianças serão férteis produtoras) – fato no qual, já vimos, tem o apoio dos gerativistas. Nesse tocante, contudo, é interessante notar que Weinreich *et alli* (2006, p. 122) refutaram qualquer preferência na preservação dos dialetos paternos pelos filhos, apontando que estes adquirem, na verdade, as características do “grupo de pares que dominam seus anos pré-adolescentes”.

## 5. Considerações finais

Enfim, ainda que hoje os postulados dos neogramáticos e de Hermann Paul estejam em boa parte ultrapassados, eles foram, sem dúvida, essenciais enquanto base para os teóricos do século XX e, em certa

---

<sup>8</sup> Vide a pergunta inicial de Weinreich, Labov e Herzog em sua obra conjunta: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, *como ela funciona enquanto a estrutura muda?*” (2006, p. 87, grifos nossos).

medida, vêm servindo como norte ainda no século XXI. O deslocamento do foco investigativo do passado para o presente e a crença na regularidade das mudanças abriram as portas para a estruturação da Linguística como uma Ciência<sup>9</sup> (com os ares naturalistas da época, inclusive), tornando-a menos especulativa e teórica, e mais prática e voltada para o presente (e, quiçá, para o futuro também).

Graças ao rigor da descrição pormenorizada dos mecanismos de alteração fonética, semântica e morfossintática que Paul fez em sua obra, pôde-se começar a pensar mais organizada e metodicamente nas estruturas linguísticas e em como a mudança age sobre cada uma delas – levando-se em consideração, inclusive, fatores externos à língua, mas próprios aos falantes (psicológicos), agora vistos como parte essencial da equação. Essa linha de pensamento abriu passagem para correntes importantes da atualidade, dentre as quais gerativistas e variacionistas, ainda que adotassem perspectivas diferentes entre si.

Mesmo que não se tenha chegado até agora a um consenso sobre o que é língua e qual seria a melhor abordagem para compreender seu mecanismo de aquisição e mudança ou, nem mesmo, se tal mecanismo é abrupto ou gradual; o fato é que a comunicação humana flui no tempo e as vozes do século XIX ecoam ainda hoje entre nós.

## Referências

CASTILHO, Ataliba T. de. "Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização..." In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Edufba, 2006, v. 1, pp. 223-269.

CHOMSKY, Noam. "Conceitos de língua". In: \_\_\_\_\_. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Porto: Caminho, 1994. cap. 2.

LABOV. "El mecanismo del cambio lingüístico". In: \_\_\_\_\_. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983. cap. 7.

LAGARES, Xoán Carlos. "O século XIX e a perspectiva histórica". Inédito, rascunho de um capítulo do *Manual de historiografia linguística*, 2008.

LIGHTFOOT, David. "Uma ciência da história?" *DEL TA*, São Paulo, v. 9, n. 2, pp. 275-294, 1993.

LIGHTFOOT, David. "Gradualism and catastrophes". In: \_\_\_\_\_. *The*

---

<sup>9</sup> Como admite Tarallo (1990, p. 51), "a busca de regularidades nos resultados parece ter garantido, tradicionalmente, o valor 'científico' dos modelos adotados".

*development of language acquisition, change and evolution*. Malden (MA), Oxford: Blackwell, 1999. cap. 4.

OSTHOFF, Hermann; BRUGMANN, Karl. Preface to "Morphological investigations in the sphere of the indo-european languages I". In: LEHMANN, Winfre (org.). *A reader in nineteenth-century historical indo-european linguistics*. Bloomington, London: Indiana University Press, 1967, cap. 14, pp. 197-209.

PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 59-130.

TARALLO, Fernando. "Regularizando formas". In: \_\_\_\_\_. *Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990, cap. 3.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. "A língua como um sistema diferenciado". In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006, cap. 3.

### **Resumo**

Este artigo procura recuperar a importância do trabalho de Hermann Paul para as correntes linguísticas do século XX e XXI, mais especificamente para gerativistas e variacionistas. Parte-se de uma contextualização de Paul entre os neogramáticos e, então, esclarecem-se alguns dos conceitos inovadores de Paul, a saber: organismo psíquico, sua divisão dos momentos da alteração fonética e o conceito de imagem da memória. Analisam-se a concepção de língua e o enfoque dado à mudança e variação linguística pelo neogramático e por linguistas modernos e demonstra-se como diversas ideias e soluções de Paul foram importantes para a História dos estudos da linguagem. Os temas discutidos comparativamente nessas três correntes são: aquisição de L1, velocidade e propagação da mudança, mutação fonética e semântica e analogia, previsibilidade da mudança.

**Palavras-chave: Hermann Paul, neogramáticos, gerativismo, sociolinguística variacionista**

### **Abstract**

This paper tries to emphasize the importance of neogrammarian Hermann Paul's work to the 20th and the 21st century Linguistics, namely to generativists and variationists. It begins looking at Paul's work as a neogrammarian and, then, clarifying some of his innovative concepts: psychic organism, the division in three moments of phonetic alteration and the concept of image of memory. It analyzes the view of linguistic change and variation by Paul and modern linguists, and shows how several of his ideas were important to the History of linguistic thought. The themes comparatively reviewed here are: L1 acquisition, velocity and propagation of change, phonetic and semantic mutation, analogy, change previsibility.

**Key words: Hermann Paul, neogrammarians, generative linguistics, variationist sociolinguistics**